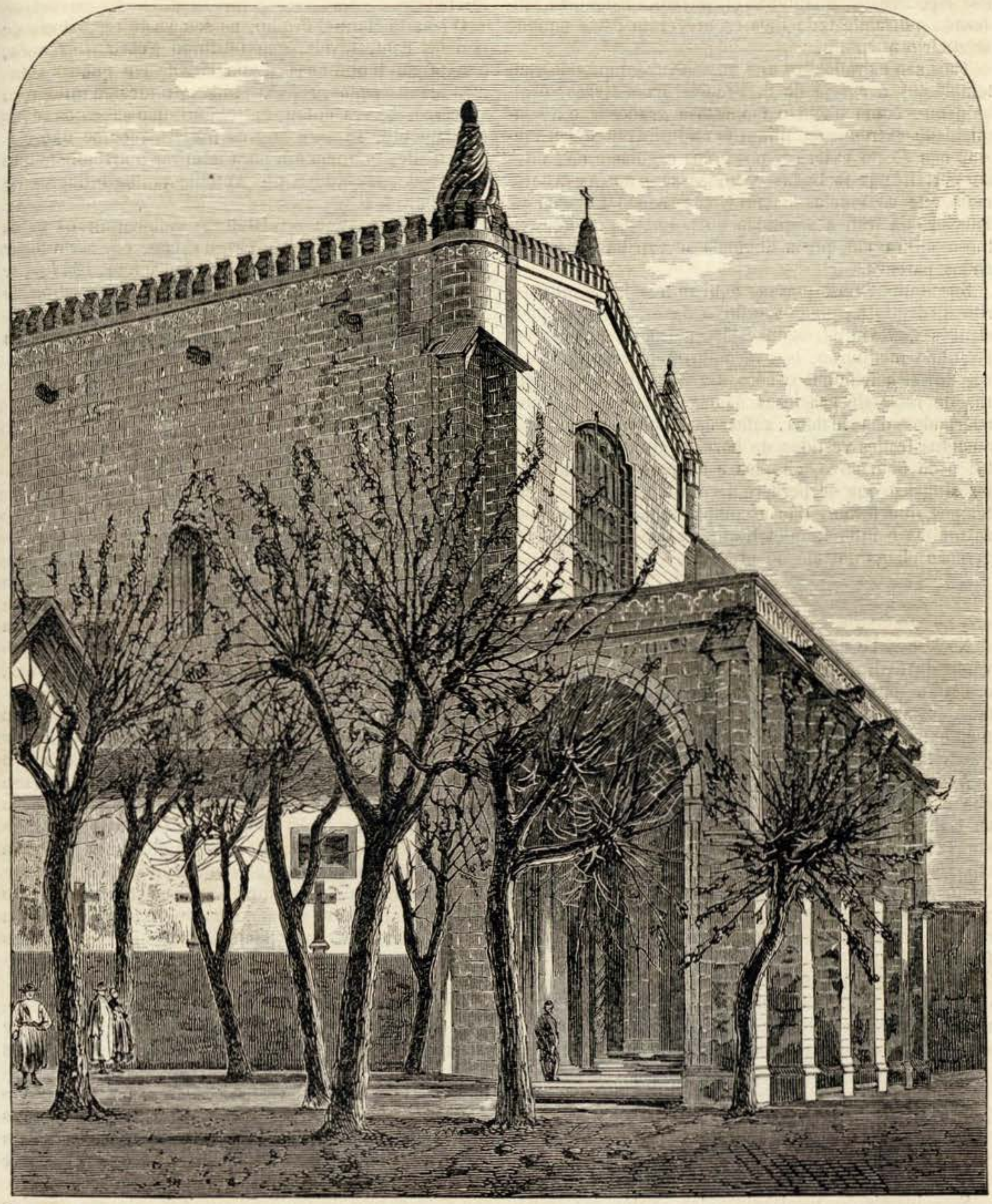


Frontaria da egreja de S. Francisco, em Evora

EVORA

EGREJA E CONVENTO DE S. FRANCISCO

I

Dos grandes monumentos disse um grande escriptor que representam não tanto o sentir individual dos architectos, como as idéas sociaes das epochas em que foram construidos.

Reflectem, com effeito, as artes o espirito da civilisação que as sustenta e promove; e a cada uma de suas partes integrantes, a cada povo ou sociedade traduzem-lhe o principal caracter, a feição proeminente por que mais se distingue. Assim é que nos edificios monasticos se desenham os genios das religiões que os fundaram; as indoles das communidades que por longos seculos encheram de seus canticos os templos, ora silenciosos e desertos; os pensamentos que os monges herdavam aos que lhes sobreviviam, como as cellas que se vão desmoronando em lamentaveis ruinas.

Deixaram os jesuitas em muitas fabricas a vastidão de suas ambições e a pouca luz de seus systemas. Os dominicos esculpiram no marmore signaes manifestos do esmero e do gosto com que se applicavam ao

estudo das letras e á cultura das artes. Os franciscanos, em fim, pozeram em suas construcções a austeridade da primitiva regra de Assiz; e se, por mercê de reis e poderosos, n'algumas chegaram a ostentar grandezas, nunca de todo lhes escureceram estas aquelle originario attributo.

Taes são as reflexões que nos occorrem quando contemplâmos a egreja de S. Francisco em Evora, e attendemos como n'ella a magestosa grandeza e a simplicidade extrema se alliam em admiravel concordancia, não só no exterior, nos arcos esguios e elegantes do portal, nas fachadas erguidas sem outros ornatos mais que as ameias e coruchéos, senão tambem no interior, na franca amplidão do templo, e na maravilhosa altura em que a abobada se estriba sobre delgadas paredes.

Suscitam-se-nos, porém, aqui outras idéas. O espirito, cedendo ao magico influxo da escassa luz coada através dos vidros das frestas, deixa-se enlevar em profunda meditação, e, evocando memorias do passado, povôa a tribuna, o côro e a nave de nobres figuras de reis; de graciosas damas e gentis cavalleiros adornados das luzidas galas da corte; de graves e austeros frades vestidos de borel e cingidos de esparto; e do bom povo, simples e devoto, n'aquelles trajos singelos que se perderam com o crer e sentir dos tempos que foram. Dão assumpto a longo phantasiar as muitas e interessantes tradições que de geração em geração chegaram até ao presente.

II

Não se sabe ao certo o anno da fundação do convento de Evora. Indicam vagamente os escriptores da ordem a data de 1224, que, por falta de memorias authenticas, nem se prova, nem se contesta. O documento mais antigo de que temos noticia é uma doação feita aos religiosos em 1245 [1].

Anda em tradição que, sendo ainda vivo o patriarcha S. Francisco, saíram tres religiosos dos conventos da Galliza, da mesma sorte que, pouco tempo antes, em 1217, tinham vindo de Italia fr. Gualter e fr. Zacharias, e que, assim como estes fundaram os conventos de Lisboa e Guimarães, e talvez outros das provincias do norte, instituiram aquelles a casa de Evora, a primeira, segundo a mesma tradição, d'entre Tejo e Guadiana.

Fóra do templo, entre a capella dos ossos e a casa do capitulo, está uma urna grande de marmore, e n'ella a seguinte inscripção com as datas da fundação do convento e da trasladação dos ossos dos fundadores.

Christiferi quondam venium tria pignora Patris
Gallaeci patria, surgit et ista domus,
Igneus hinc fervor Francisci impleverat illos,
Tanti ignis cineres claudit uterque lapis.
1629, *et venère* 1224.

Esta inscripção resolveria todas as duvidas se não fosse tão recente, e se um dos chronistas de S. Francisco, pretendendo auctorisal-a, não deixasse boas provas da nenhuma fé que merece. Eis aqui em poucas palavras a lenda referida por fr. Jeronymo de Belem. Fallecidos os fundadores, foram enterrados no cemiterio commum do convento, e como seus restos estivessem alli expostos a continuos piedosos furtos, pela grande devoção em que os tinham os fieis, assentaram os religiosos trasladal-os para o claustro, onde occultamente os depositaram n'uma parede. Com o decurso dos annos se perdeu a memoria do sitio; e querendo descobril-o em 1629 o guardião do convento, fr. Diogo de Monroy, mandou cantar uma missa a Santo Antonio, com sermão analogo ao que pretendia; e em meio d'ella, e sendo grande o concurso do povo na egreja, caiu por si, na capella d'aquelle santo, a parede que entesta com o claustro, e deixou patentes os ossos dos fundadores.

O jesuita Manuel Fialho, no seu vasto repositorio de noticias contestaveis, que intitulou *Evora illustrada*, e exta na bibliotheca d'esta cidade em quatro volumes manuscriptos, referiu tambem o mesmo milagroso successo. Accrescentou, entretanto, não sabemos se ingenuamente, se para que os franciscanos se não rissem d'elle, que não era para admirar o arrombamento da parede, fazendo Santo Antonio tantos milagres de arromba.

No mesmo anno de 1629 se collocaram os ossos dentro da urna que hoje os guardam, em certo logar do claustro, e d'ahi foram mudados em 1647, por devoção particular do bispo de Fez, D. Bernardino de Santo Antonio, para uma capella da egreja. Ignorâmos a epocha em que acertadamente os removeram do templo para o sitio onde se conservam.

(Continúa) A. Filippe Simões.

1 Allegada por fr. Jeronymo de Belem na *Chronica Seraphica*, parte I, pag. 28.

A LAPONIA

(Conclusão. Vid. pag. 7)

A fauna da Laponia não é tão pobre como a sua flora. As ordens mais importantes do reino animal, e particularmente da classe dos mammiferos, acham-se alli representadas por especies não menos dignas de attenção que as que povoam as regiões selvagens da zona torrida e da zona temperada. Mencionaremos, entre outras, as seguintes: boi almiscarado *(ovibos moschatus)*, animal intermediario entre o boi e o carneiro, mais pequeno que o primeiro e maior que o segundo, devendo o seu nome ao cheiro de almiscar que exhala e de que está impregnada a sua carne; o alce ou grã-besta [1]; o veado; o rangifer ou renno, representado na gravura a pag. 8; o urso branco; o lobo; o lemmingo; a raposa azul; a marta; o furão; a hermisia; a harda; o lagoumy; a lebre; a lontra; o castor; o glutão; a phoca; a morsa, etc. É pequeno o numero de reptis, pois que poucas especies podem resistir ás grossas camadas de gelo que cobrem a terra na maior parte do anno. A mesma causa afugenta as aves d'aquella região. As principaes especies que alli abundam pertencem á classe dos palmipedes.

Raros animaes domesticos da Europa meridional podem supportar o clima da Laponia. Os bois, vaccas e carneiros foram alli introduzidos ha seculos, e, graças aos cuidados com que os lavradores os tratam, resistem á intemperie das estações. Porém o rigor do frio despoja os bois das suas armas passado pouco tempo depois que ellas chegam ao seu estado de completo desenvolvimento. As vaccas, qualquer que seja a côr que lhes tinja o pello ao nascer, tornam-se alvas como esse manto de neve com que a natureza envolve a Laponia n'aquelles invernos interminaveis. Sómente o carneiro conserva os caracteres da sua raça, sem duvida porque lhe serve de egide a espessa lã de que se veste.

Por effeito d'aquella sábia lei das compensações com que a Providencia acode á humanidade nos paizes onde menos parece favorecel-a, o rangifer ou renno é para os lapões o que o camelo é para os arabes do deserto. Empregam-n'o na lavoira; applicam-n'o ao transporte de passageiros e de generos, mettendo-o a uma especie de carro sem rodas chamado trenó; bebem-lhe o leite; comem-lhe a carne; vestem-se com a sua pelle, e aproveitam-lhe as armas para o fabrico de diversidade de utensilios domesticos [2].

1 Vid. pag. 208 do vol. X.
2 Vid. pag. 397 e 398 do vol. III.

Depois do rangifer é o cão, talvez, o animal mais util aos lapões, pois que tambem o empregam na conducção de passageiros e de generos. Para este fim é conduzido o trenó por dois, quatro ou mais cães, conforme o peso que devem transportar e segundo a distancia que tem a percorrer.

Os lapões, aos quaes todos os povos scandinavos dão o nome de *finn*, eram denominados *lappes* no seculo XII. Nos annaes da Russia são chamados *lapones*.

Representae um homem com metro e meio de altura, membrudo mais que o pede a boa proporção, rosto largo, faces encovadas, olhos pardos, mais pequenos que grandes, nariz e boca regulares, barba pouco espessa e desegual, cabello preto e grosso, pelle amarellada e ennegrecida pelo fumo, e assim completareis o retrato de um filho da Laponia.

Os viajantes que tem visitado este paiz descrevem o caracter dos lapões com as seguintes phrases, nada lisonjeiras: São desconfiados, egoistas, avarentos, astuciosos, servis, deshumanos, sem affeições de familia, deixando-se, em fim, arrebatar das paixões que facilmente os dominam. Dá-se como causa de tão abominavel caracter, primeiramente o culto supersticioso e sem moral que este povo seguia até ao principio do seculo actual, em que a luz do christianismo começou a dissipar as trevas da ignorancia em que tem vivido; em segundo logar, a falta quasi absoluta de trato com gente civilisada, entretendo apenas relações com maritimos rusticos e grosseiros, e com commerciantes ávidos e pouco lisos em seus negocios; e, finalmente, o uso immoderado da aguardente. Todas estas causas tem, pois, concorrido, a seu turno, para a depravação da indole e para a corrupção dos costumes d'aquelle povo.

Agil, vigoroso e robusto, o lapão tem habitos de actividade; não recúa facilmente diante dos obstaculos; e soffre com singular resignação e paciencia as privações, os rigores do tempo e os azares da fortuna. Não costuma sair do seu paiz, mas dentro d'elle faz longas e penosas viagens, quer a pé ou nos trenós, quer embarcado, navegando em frageis lenhos nos seus lagos e rios. Não viaja, todavia, por simples divertimento ou curiosidade, mas sim para adquirir meios de subsistencia, ora indo á caça ou á pesca, ora ao córte de madeiras nas florestas das montanhas. Aquelle que se considera rico, e tanto mais o será quanto maior for o rebanho de rangiferos que possuir, raras vezes deixa os seus lares ou as visinhanças d'elles. Trabalha o lapão mais no estio que no inverno, porque, além de se accumularem n'esse breve periodo do anno todas as lides da lavoira, precisa tambem aproveital-o para fazer o seu fornecimento de peixe e de caça para se alimentar e á sua familia durante a longa estação invernosa, em que os gelos escondem os peixes e afugentam a maior parte das aves para as regiões menos frias. Conserva taes provisões seccando-as ao fumeiro. Esta pratica, o muito uso que faz do fogo para se aquecer e resistir melhor á intensidade do frio, e tambem a fórma e disposição da sua habitação, que é conica, sem janellas e com uma unica porta, tendo na parte superior do tecto uma abertura para dar saida ao fumo, de que está quasi sempre cheia, tudo isto concorre para lhe ennegrecer a pelle, como acima observámos.

O idioma dos lapões é um dialecto da antiga linguagem do paiz, corrompida, e mesclada de allemão e de hungaro.

O ramo mais importante do commercio de exportação da Laponia consiste em pelles de diversos animaes, taes como a marta, a lontra, o castor, o rangifer, etc. Das duas primeiras faz-se um commercio importante, tanto pela quantidade das pelles que se exportam, como pelo subido apreço e alto valor que lhes dão na Europa e na Asia.

A Laponia pertence parte á Suecia e parte á Russia. Pelos ultimos tratados celebrados entre estas duas potencias ficou possuindo a segunda dois terços d'aquelle paiz. Na Laponia russa está a cidade de Arkangel, situada junto da foz do rio Dvina. É a capital d'esta possessão da Russia, e, apesar de se achar descaida da sua primitiva florescencia, ainda hoje é a principal cidade de toda a Laponia, e o centro do commercio externo das regiões septentrionaes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

I

HISTORIA DE UM ROUXINOL

(Vid. pag. 3)

VIII

Aqui parou um instante. Estava como transfigurado pela inspiração e pela colera. A sua estatura parecia ter crescido o dobro. O outro não respondia; tinha-se encolhido de envergonhado sobre o ramo, e fitava os olhos pretos cheios de ira no terrivel adversario. Vendo-o parar, quiz replicar-lhe, mas o captivo interrompeu-o logo com uma aria, estridente de indignação, brilhante de movimento e de rythmo, e admiravel pela correcção e pelo sentimento.

IX

«Este infame (dizia o preso), que me rouba e insulta através das grades da minha prisão, atreve-se tambem a interromper os meus sublimes cantos?! Emmudece, ó louco, e sabe que a minha voz tem alegrado cinco primaveras e quatro outonos, em quanto que tu entras apenas no segundo anno de uma existencia inglorioza! Eu tenho visto muitas vezes o homem suspender o seu rude labor para escutar-me, e a mulher, attrahida pelos meus gorgeios, ir procurar, debaixo dos arvoredos onde me ouvia, os mysteriosos sonhos do amor e da felicidade. Calavam-se todas as aves, commovidas com a melancolia das minhas saudosas endechas; as aguas applaudiam-me rolando entre as quebradas; e a lua enternecia-se a tal ponto com a historia das minhas tristezas, que muitas vezes o seu pranto me orvalhava as pennas, e eu via ao romper da aurora as arvores e as flores cobertas das suas lagrimas! Tenho inspirado em milhares de corações a alegria, a magua, a paixão, a saudade, o desejo, o arrependimento, e o gozo infinito de prazeres desconhecidos. Tenho cantado, de envolta com os meus amores, os amores das plantas e dos rios, das aves e dos homens, dos astros e dos anjos. Os meus poemas comprehendem o Genesis e o diluvio, a vida e a morte, o passado e as aspirações do futuro, a terra e o ceo. Desde o Colibri até Deus tudo tenho exaltado e commovido com a poesia de meus sonoros hymnos, enchendo de saudades tudo que foi, de tristezas tudo que é, de dúvidas tudo que ha de ser. Quando os echos da minha voz percorrem os ares diz-me tudo quanto me rodeia que eu me chamo gloria, maravilha, prodigio. — E tu quem és?»

X

Esta ultima estrophe foi cantada em trillos precipitados, brilhantes e rapidos, articulados com força e paixão.

O inspirado vate tinha na voz um riso diabolico quando concluiu com a terrivel pergunta ao seu adversario: «E tu quem és?» Depois de lhe ouvir tão gloriosos feitos, que poderia responder o outro desgraçado?

Bateu as azas, piou lugubremente, e afastou-se, corrido e humilhado, para o mais escuro da ramada. A amante chilreou tambem de envergonhada, e veiu, saltando de ramo em ramo, poisar novamente ao pé da gaiola. O captivo soltou um grito, grito de indignação e ao mesmo tempo de triumpho. Dir-se-hia que se representava entre os salgueiros o *Barbeiro de Sevilha*, o *Atila* ou qualquer outra opera dos rouxinoes. Tem-se cantado muitas vezes no theatro de S. Carlos palavras arranjadas em musica absolutamente similhantes ás que alli soltou o affrontado esposo; se havia differença era toda a favor do rouxinol, que exprimia os seus sentimentos com maior verdade e cantava com mais afinação do que os tenores.

XI

«Esta perfida (cantou elle) torna ainda a provocar as minhas iras! Segue, segue o teu novo amador, esse bastardo deshonrado, que sobreviveu á vergonha de ter escarnecido um triste prisioneiro. Segue-o! E em quanto chocares os ovos da prole adulterina, dize-lhe que te cante as mascavadas trovas estrangeiras com que pretende mesclar o canto nacional de philomela, ou que te refira o modo vergonhoso por que fugiu quando eu lancei na corrente d'este mesmo rio as pennas que o meu bico lhe arrancou do peito desleal.»

XII

A femea carpiu-se aqui tão sentidamente, que tivemos piedade d'ella. O rouxinol proseguiu:

«Por que ficas? Não vês que o traidor já partiu? que se ausentou sem te esperar... que... quem sabe? quem sabe se começa já o teu castigo? — que te deixou por não querer sua altivez abatida na tua presença? *Ah! por que não posso odiar-te? infiel, eu ainda te amo!*»

Este admiravel trecho, estropiado outr'ora pelo inglez Swift, extasiou-nos. Que vocalisação, que fogo, que extensão de voz! Como a alma se revelava no canto, ardente e apaixonada! A misera esposa respondia com dolorosos gritos: «Perdão! perdão!»

XIII

O rouxinol, tal qual como Carlos V no *Hernani*, cantou: «*Perdono a tutti!* Sim, perdôo-te, porque a minha vida chega ao seu termo. O triste captiveiro em que me acho, os desgostos que hoje me affligiram e os esforços que fiz para dominar a minha raiva esgotaram-me as forças. Assiste, pois, á minha morte, e vangloria-te porque morro cantando.

«Tudo é silencio ao longe e ao perto; só a minha voz retine gloriosa no espaço. Os musculos da minha larynge foram já mais rijos que os de qualquer outra creatura; mas agora vão afrouxando, encolhidos pelo cançaço da vida. A cotovia e o cochicho, o tentilhão e o canario, a pintarroxa e a toutinegra, o pintasilgo e o melro, todos aprendiam commigo, emmudeciam todos quando os meus gorgeios, variados e languidos, enchiam a natureza de voluptuosidade. Que elles cantem na minha morte, se nos seus corações ha sensibilidade para as grandes desventuras!

«Adeus, frescas e formosas auroras de abril! adeus, noites serenas e perfumadas do florido maio! Não mais ouvireis minhas languidas endechas, que faziam palpitar os mais duros corações! Estrellas das celestiaes campinas, prateados campos por onde discorre a lua enamorada, tapetes florentes do saudoso Mondego, florestas sombrias onde não entra a tempestade, roseiras da fonte pura onde se aninhou a minha longa felicidade, salgueiros que me tornastes credulo e confiado, creaturas humanas que tão deslealmente me enganastes e perdestes! adeus todos! para sempre adeus! Eu a todos amava e por todos cantava! A ninguem causava damno a minha innocente liberdade; fiei-me dos homens, escravisaram-me e mataram-me! Quando elles são assim para os passarinhos, como serão para os outros entes?»

XIV

Enterneci-me de ouvil-o; olhei para Thereza e vi que lhe corriam as lagrimas em fio.

— Soltemol-o, exclamei eu.

— Um instante; espera ainda um instante!

A avezinha proseguiu n'uma torrente de harmonias, de suaves tristezas e de mysteriosos delirios, que eu já não entendia. Pouco a pouco os ramos do arvoredo cobriram-se de passarinhos de varias especies, attrahidos pelos sons maviosos e extraordinarios. O proprio rival se aproximou humilde, arrependido e pasmado das maravilhas que escutava. Os hymnos proseguiam cada vez mais precipitados, mais variados, mais repassados de profundas e dolorosas maguas. Todas as avezinhas olhavam assombradas para o cantor, como perguntando-lhe que vagas desgraças annunciava, que terriveis e incognitos presagios lia no futuro. Repentinamente, depois de uma nota mais alta e prolongada, baixou a uma melodia doce, interrompida com pequenas pausas, como seria talvez o delirio de Mozart ou de Beethoven moribundos, e caiu para o lado.

Precipitámo-nos para a gaiola; Thereza abriu-a, pegou no rouxinol, que afagou e acariciou contra o seio. Vãos esforços! o poeta cantára o seu ultimo canto!

XV

Os ramos despovoaram-se; todos os ouvintes fugiram aterrados, menos a leviana companheira do morto, que testimunhava no seu dorido carpir a resolução de expiar breve a falta commettida. Tres dias alli andou a gemer de ramo em ramo; ao quarto caíu sem vida na corrente que a levou.

Thereza não se consolou jámais. Chorou durante oito mezes; e quando as arvores despiram as folhas, expirou, sentada no mesmo sitio onde tinha apanhado o rouxinol, depois de me ter feito jurar que, por muito que me durasse a vida, nunca mais roubaria a liberdade aos passarinhos. F. GOMES DE AMORIM.

ORIGEM, ENGRANDECIMENTO E DECADENCIA DA CIDADE DE VENEZA

No seculo V da era christã viam-se no ponto extremo do mar Adriatico, a uns 8 kilometros de distancia do continente, uma infinidade de ilhas, ou cabeças sêccas, aridas e pouco elevadas acima da superficie das aguas. Não se ornavam com as galas da vegetação. A monotonia do seu solo arenoso era quebrada apenas por algumas cabanas, mesquinha habitação de pobres pescadores, e, de vez em quando, pelas suas redes estendidas ao longo das praias.

Um grande e terrivel acontecimento, verdadeiro cataclismo na vida das nações, que assolou a Italia, destruindo pelos fundamentos a civilisação que se irradiava de Roma, como brilhante foco de luz, para todo o orbe antigo, povoou e deu animação áquellas ilhas miseraveis. A invasão dos povos septentrionaes, que derrubaram o throno dos Cesares, varrendo a Italia e mais provincias do imperio com o açoite da sua barbara vingança, espalhou por toda a parte tal horror e consternação, que centenares de familias, habitantes das margens do Adriatico, abandonaram seus lares, e, levando o mais preciso do seu movel, foram pro-

curar refugio no asylo d'aquelles miseraveis pescadores.

Serviram-lhes de baluartes as aguas do mar. As hordas de Atila e de Theodorico, embora sedentas de sangue e de pilhagem, não ousaram transpor esses fossos naturaes, unica defensa e derradeira esperança de salvação dos tristes foragidos. Estes cuidaram logo de construir barracas para sua accommodação, e depois, levados da necessidade da manutenção da ordem, escolheram d'entre si quem os governasse, sob a denominação de *tribunos*. Uma d'aquellas ilhas, chamada *Rialto*, tornou-se em breve séde de um governo regular.

As toscas barracas de madeira e as palhoças dos pescadores pouco a pouco se foram transformando em casas de construcção mais solida. A povoação foi cres-



Um dos canaes de Veneza e o palacio Ferro

cendo e opulentando-se pelo amor do trabalho e pelo poder da industria. E os tribunos, ao cabo de duzentos annos, trocaram o seu nome humilde pelo titulo pomposo de duque ou doge.

Correram os tempos, e prospera correu a fortuna para o novel estado. Em hora boa empunharam armas seus filhos, ao principio buscando aventuras entre os azares da guerra, depois procurando dilatar as fronteiras que tanto os apertavam. Foi-lhes propicia a sorte. Victorias successivas lhes enramaram as frontes de loiros, que novos triumphos conservaram sempre virentes.

O doge, investido dos attributos e prerogativas da soberania, imperou alfim como senhor em toda a extensão do Adriatico, tendo já firmado o seu dominio em terras do continente. E sobre as ilhotas areentas, que outr'ora deram guarida aos que fugiam ao furor dos barbaros do Norte, ergueu-se uma cidade populosa, rica, magnifica, soberba com o esplendor dos seus templos e palacios de marmore, e com as riquezas vasadas em seu regaço pelo commercio da Asia e da Africa, de que se tornou o principal emporio.

Passados dez seculos depois que os proscriptos de Rialto fundaram o seu governo patriarchal, esse pe-

queno estado, que nascêra humilde no meio das aguas do Adriatico, agora engrandecido com as provincias de Istria, Treviso, Vicencia, Feltrino, Belluno, Frioul, Dalmacia, Padua, Polesina, Bergamo, Brescia, ilhas de Cypre e Candia no archipelago da Moréa, Negroponte, Zante, Cephalonia, S. Mauro, Corfú e parte da costa da Albania, avultava entre as primeiras potencias da Europa. Filho do mar, sujeitava ao seu tridente as ondas do Mediterraneo. E, impellido por seu espirito cavalleiroso, estendia o seu nome, respeitado e temido, por toda a parte onde levava o estandarte com o leão de S. Marcos, que havia tomado como emblema da sua existencia e como guia nas suas emprezas.

Não se emprehendia guerra, por assim dizer, n'esta velha parte do mundo, sem que fosse solicitado o auxilio, ou, pelo menos, a neutralidade do doge. As mais poderosas nações requestavam a sua amizade e alliança com o mesmo empenho e fervor com que o apaixonado mancebo supplíca á dama dos seus pensamentos um olhar de ternura e de esperança. Em fim, varios monarchas se honraram indo receber a hospitalidade dos doges, e alguns dos que mais brilharam na scena do mundo pela vastidão dos seus dominios, pela grandeza do seu poder e pelo prestigio da gloria militar, vencidos pelos valorosos descendentes dos proscriptos de Rialto, viram-se forçados a dobrar a cerviz orgulhosa ante o altivo chefe da republica do Adriatico.

Tal foi a origem da cidade de Veneza e da republica do mesmo nome. Poucos imperios viram dilatarem-se a sua grandeza e poder por tão longa serie de annos. Raros potentados da terra desfructaram por tantos seculos os favores da fortuna, os esplendores da riqueza e as alegrias da prosperidade.

A cidade, assentada em sessenta ilhas pequenas, cortada por innumeraveis canaes, cujas margens se communicam por mais de quinhentas pontes de pedra, parece obra de poder sobrenatural, que a um aceno a fez surgir do fundo do mar, radiante de formosura, rica de monumentos, esplendida de galas e primores artisticos, illuminada pelo brilhante reflexo de tradições gloriosas, e cercada, em fim, pela mais luzente aureola de poesia. Nascida entre as ondas, por ellas embalada em seu berço de cristal, a ellas devendo o seu engrandecimento, a sua opulencia, a sua corôa de rainha, julgar-se-hia fadada para empunhar o sceptro dos mares até á consummação dos seculos!

A republica, fundada em uma constituição sabiamente elaborada para lhe dar força e duração; firmada em uma organisação social vigorosa; fortalecida pela rigidez e simplicidade dos costumes publicos, pelos habitos do trabalho, pelo amor da patria e mais virtudes civicas, presumir-se-hia, no correr do seculo XV, egualmente fadada para resistir em todos os tempos a quaesquer inimigos, para zombar da sorte que tem prostrado os maiores imperios do universo!

Porém toda essa grandeza e gloria caducaram e feneceram, como obra que era dos homens. Vasco da Gama, rasgando o véo que encobria o caminho da India, e el-rei D. Manuel, estabelecendo as relações commerciaes de Portugal com o Oriente, deram o primeiro golpe no coração da poderosa republica. Lisboa em breve arrancou das mãos de Veneza o commercio da Asia; e desde esse momento principiou a fortuna a voltar as costas á cidade dos doges.

Ferido profundamente o mais importante ramo da industria que alimentava a nação e locupletava os cofres do estado, não tardaram a manifestarem-se os symptomas do definhamento que pouco a pouco se foi apossando do corpo social, até que Napoleão Bonaparte, victorioso em toda a Italia, riscou do mappa da Europa a grande republica de Veneza, ao cabo de mais de treze seculos de uma existencia gloriosissima!

O vencedor entregou á Austria, em troca de outros favores, o territorio da extincta republica, a esse tempo mui limitado; e o imperador Francisco I, unindo-o á Lombardia, creou o reino lombardo-veneziano.

No fim de mais de sessenta annos de captiveiro, raiou para Veneza a aurora da liberdade. A aguia austriaca, vencida em Sadowa pela aguia prussiana, deixou cair das garras entre as mãos de Napoleão III os estados de Veneza, que este soberano se apressou em entregar ao rei de Italia, Victor Manuel.

A cidade de Veneza vê hoje despedaçados os grilhões que a opprimiram, mas os effeitos de tão dura oppressão ainda pesam sobre ella; ainda mostra na fronte os signaes indeleveis de seus longos padecimentos. O magnifico palacio dos doges; a sumptuosa cathedral de S. Marcos, e muitos outros templos de cúpulas magestosas; o famoso arsenal; os palacios que bordam os canaes, ostentando em suas fachadas de marmore toda a pompa e poesia dos estilos arabe, gothico e do renascimento, são padrões que commemoram o immenso poderio da republica, e o lustre e fasto de outr'ora da cidade. Porém, no palacio dos dóges, só os passos de algum viajante curioso lhe vem de vez em quando acordar os echos. Não resoam nas abobadas dos templos os canticos sagrados pelas victorias das armas venezianas. Está ermo o arsenal d'onde saíam continuamente temerosas armadas. Alguns palacios ameaçam proxima ruina. Outros, que antigamente a miude pernoitavam em festas grandiosas, agora desertos, offerecem, no silencio em que jazem, a imagem do sepulchro. Nas ruas, nas praças, nos caes, não se accumula a multidão, como no tempo em que a cidade contava mais de duzentas mil almas, em vez de oitenta mil que hoje encerra. Nos canaes não giram, como d'antes, milhares de gondolas. Em fim, com a perda das riquezas fugiram-lhe, e ainda não voltaram, a animação, o bulicio, a alegria, companheiros inseparaveis da prosperidade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O WALI DE SANTAREM

(Vid. pag. 6)

. . . .

. . . .

Como o Tejo lá corre em baixo limpido e susurrante, reflectindo nas suas aguas a casaria branca da arabe Chantarin, e espelhando a muralha rugosa da alcaçova erguida no pincaro da sua montanha! Debruçando-se das ameias do velho castello moirisco, quem não sentiria uma suave sensação, de todo estranha aos agros jubilos da guerra, vendo espraiarem-se ao longe pela margem do Tejo tantos vergeis opulentos, tantas campinas verdes, tantas searas loirejantes, que ondeiam e se acamam, como um vasto mar de espigas de oiro, ao sôpro da fresca brisa do sul. E que doces pensamentos de voluptuosidade suave e encantadora não inspira tambem essa longa fita azul do rio que vae deslisando caminho de Lisboa, embalando no seio a barca indolente do pescador mosarabe, que parece ir dormindo á sombra da vela triangular, como um passarinho á sombra da aza branca! E o sol ri no ceo tambem azul e sem mancha, e as gaivotas pairam sobre o rio descrevendo no ar os seus graciosos circulos, e ao longe ouve-se uma vaga toada de cantiga de barqueiro, e do lado da terra vem como que n'uma bafagem a cantilena monotona do lavrador guiando os bois melancolicos e vagarosos! Quem pensaria em guerra e em combates no seio d'essa natureza pacifica e fecunda, debaixo d'esse ceo tão luminoso, á beira d'esse rio palreiro!

Pois eram os pensamentos de guerra e de comba-

tes os que pairavam sobre essa paizagem tranquilla, porque nos muros de Santarem tremulava ainda a meia-lua musulmana, e além, ao norte, no seio dos sombrios retiros de Coimbra, o terrivel Ibn-Errik, por algum tempo adormecido nos braços de sua joven esposa, Mafalda de Maurianna e Saboya, começava a espreitar com olhos cobiçosos a formosa filha dos arabes.

Estamos em 1147, e o Al-Gharb da Hespanha vê-se, mais do que nunca, dilacerado pelas discordias civis dos seus possuidores. Entre almoravides e almohades está-se travando a lucta mortifera, e os walis da Hespanha, desconfiados uns dos outros, rasgam por todos os lados a tunica sumptuosa do Andaluz. Aqui no occidente tres walis principaes formam entre si uma alliança que lhes assegure a independencia, o wali de Mertola, o de Badajoz e o de Silves; o ultimo heroico defensor da dynastia almoravide, Ibn-Ganyah, semeia, para os dominar, entre elles a discordia. O wali de Mertola, Ibn-Kasi, alvo da desconfiança dos seus dois alliados, chama para o salvar o mais terrivel inimigo dos musulmanos, Affonso Henriques. Depois invoca o auxilio do emir almohade de Africa, e este, que ainda não veiu estabelecer o seu dominio em Hespanha, acceita o representante que se lhe offerece. Assim como Ibn-Ganyah, o wali de Valencia, é o ultimo chefe almoravide, é Ibn-Kasi o primeiro chefe almohade. De um lado e de outro se enfileiram os walis do Andaluz: só Abu-Zakaria, o wali de Santarem, olhando com desprezo profundo para todas estas discordias, immovel no seu posto de combate, espreita ancioso a tempestade que se accumula ao norte, e do seu ninho de fraguedos sae, como a aguia que não teme o raio, a pairar sobre as campinas dos christãos.

É uma tarde de primavera, pura e suave. A brisa enruga levemente as aguas do rio; as atalayas moiriscas velam indolentes nas guaritas da forte alcaçova. Dentro da fortaleza ergue-se o palacio do wali, rodeado de jardins pequenos, mas deleitosos, que penduram os seus canteiros de flores, como taboleiros aéreos na rocha alcantilada, sobre o rio murmurante. Pequenos são, dissemos, mas alli como que em miniatura se reflectem todos os esplendores dos maravilhosos jardins de Kordova; alli, entre os bosquesinhos frondosos, brilham na sombra as limpidas aguas de pequenos lagos; alli se encontram as thermas de abobada estrellada, por onde se insinuam frouxos raios do sol, que derramam luz suavissima n'esses asylos da voluptuosidade. No meio dos jardins um pavilhão, a cuja porta uma estatua de pórfido, lavrada por mãos de artista primoroso, representa a imagem do silencio. No centro d'esse pavilhão, onde ainda talvez cheguemos a penetrar, ouve-se cá de fóra o murmurio delicioso da agua batendo n'uma bacia de marmore, som argentino que espalha em torno de si uma doce sensação de frescura.

Era esse o retiro predilecto de Zuleyma, a filha querida do velho wali de Santarem, Abu-Zakaria.

A esta hora em que a tarde vae declinando, em que as vastas sombras do arvoredo se prolongam até ondearem lá em baixo na corrente palreira do rio, Zuleyma não está no pavilhão predilecto. Sentada á beira do terraço que domina o Tejo, contempla com tristeza uma arvore estranha que vegeta debilmente junto d'ella. É uma palmeira. A filha do wali teve o capricho de transplantar para a sua nova patria a arvore das regiões do sol, onde teve a sua raça o berço. Mas a verdejante filha d'essas terras abrazadas não pôde vingar n'este solo mais frio do occidente; pediu debalde á brisa o calido bafejo, ao ceo a chamma abrazadora dos seus raios, e, privada d'essas caricias ferventes, feneceu em breve, estendendo apenas, como braços enfezados, os seus ramos murchos sobre o frescor do rio.

Zuleyma tem entre os dedos a harpa melodiosa. Contempla tristemente, ora a palmeira rachitica, ora as vastas campinas verdes que se desenrolam aos pés do alcaçar, e onde a luz alterna com as sombras, que augmentam a cada instante. Envolta no véo estrellado, com as tranças negras apanhadas na coifa moirisca, a fronte cingida por uma faxa de perolas, a formosa filha do wali parece verdadeiramente uma das fadas que os contos arabes devaneiam fluctuando na transparente nebrina da tarde. No rosto levemente moreno scintillam com melancolico fulgor os seus rasgados olhos negros. Volta-os de novo para o rio, e com tristeza o contempla; para a vela branca do barco de pescador que voga em direcção a Lisboa, e a sua alma parece querer seguir-lhe a espumea esteira; crava-os na arvore enfezada, e, sentindo lagrimas involuntarias escorrerem-lhe nas faces, empunha a harpa de oiro, e canta com voz melancolica estas sentidas endechas, compostas por Abd-er-Rahman I, o fundador da dynastia ommyada na Hespanha arabe, tambem por elle desmembrada da monarchia dos kalifas orientaes:

Tambem tu, insigne palma,
'stás sendo aqui forasteira;
beija-te os ramos do Algarve
a brisa doce e ligeira.

Lançando fundas raizes
n'este fecundo terreno,
ergues a copa frondosa
ao firmamento sereno.

Tristes lagrimas choráras
se como eu sentir podesses...

— É d'esta vez adivinhou o real poeta, acudiu uma voz junto d'ella. Que motivo ignoto desfiou esse collar de perolas nas tuas faces, rosa? Foi o calor da tua phantasia que dissolveu a faxa que te cinge a fronte, ou a minha querida Zuleyma esconde a seu pae alguma tristeza profunda?

— Meu pae! dissera a gentil Zuleyma apenas sentira a voz do wali.

Era um formoso velho de longas barbas brancas, a cujo porte magestoso davam realce ainda as amplas vestes musulmanas.

— Meu pae, continuou Zuleyma, nada tenho que me afflija; mas, vendo essa triste palmeira sem poder viçar ao sôpro d'estas brisas tão suaves, impressionou-me tristemente o contraste que fazia com os versos do sublime e potente emir. Nada mais.

— Enganou-se em tudo, respondeu com grave e melancolico aspecto o venerando velho, enganou-se em tudo o heroico filho dos Merúan. Era forasteira a palma, e nós forasteiros somos. A terra da Hespanha, que estremecemos tanto, repelle as arvores e os filhos do deserto. O Andaluz viçoso, ó terra de esmeraldas, captiva graciosa e meiga, não te adornou de bastantes pompas a mão dos teus emires, não recamou de palacios de oiro e marmore, de mesquitas maravilhosas, de soberbas aljamas, o teu solo que a natureza opulentou? E, desdenhando até os preceitos do propheta, não desprezámos a nossa missão religiosa, não respeitámos as crenças de teus filhos, não os fizemos sentar ao nosso lado no banquete da hospitalidade? Por que assim nos foges então, sultana favorita, para te ires entregar nos braços d'esses homens de ferro, selvagens e rudes, que só brutalisar-te sabem? Ah! triste palmeira foragida, murchou como as tuas folhas a nossa prosperidade, e o nosso dominio está prestes a baquear como o teu carcomido tronco.

E o wali deixou descair na mão a sua larga fronte, e pelas barbas alvas de neve viu-se deslisar uma lagrima. Zuleyma aproximou-se d'elle tristemente, e poisou-lhe ao de leve a mão no hombro:

— Já as tristezas fugiram, como foge a noite quando raia a aurora, disse elle sentindo-a. E tu és a aurora que derrama sempre um raio de luz nas sombras do meu crepusculo; és a primavera que me acalenta o outono, a rosa fragrante que povôa de aromas, o rouxinol que povôa de melodias a minha sombria e deserta alcaçova. És a perola cuja rosca transparencia encontro sempre a consolar-me quando desço ao fundo dos abysmos de tristeza em que estes pensamentos me mergulham. Ai, rosa pura! nunca te arranque o temporal do teu canteiro abrigado. Ai, perola nacarada! nunca a tempestade revolva as aguas do teu leito.

Ella sorriu-se para elle com um sorriso angelico.

— Não ha perigo, disse, que o vendaval derrube o ninho alpestre das aguias, pelo menos quando é desencadeado pelas mãos dos homens. A vaga irritada dos cavalleiros nazarenos vem bater já sem forças nas muralhas da alcaçova de Santarem; e a nuvem de pó que levantam na investida os pés dos seus ginetes dissipa-se com um sôpro quando resôa no adarve das torres o grito de guerra de Abu-Zakaria, a aguia do Al-Gharb do Andaluz.

A fronte do wali ergueu-se resplandecente de orgulho.

— Ah! não temo os christãos. Posso tambem dizer, como o emir Al-Hakem, que vi fazerem-se os montes em valles quando lhes trepava ao cume, humilharem-se os mais audaciosos entre os chefes nazarenos ao verem resplandecer entre as sombras da noite, como luminosas estrellas, as cotas dos soldados das minhas tropas. Mas, estrella da minha vida, o que me dilacera o coração é ver assim humilhado o imperio dos Beni-Merûan; é ver este imperio poderoso e tranquillo, em vez de dar, como d'antes, á Europa o exemplo da civilisação, dar-lhe o exemplo da selvageria. Os cultos walis do Andaluz são os primeiros a escolherem por dominadores os rudes bereberes, quer sejam os de Lamtuna, quer sejam os sectarios de Abdallah! Outr'ora o Maghreb era escravo dos poderosos kalifas de Kordova, e Abd-er-Rahman Annasir, o filho abençoado do escravo nazareno, afagando as ondas da sua barba sedosa, via com desdem ajoelharem-lhe aos pés, nas salas magnificas do alcaçar de Azzahrat, os negros chefes das tribus do deserto. E hoje são elles que dominam; hoje é á pobre Fez que se vae pedir a senha. Já em Kordova se não reune a corte sumptuosa onde os doutos khatibes, os hafites depositarios das tradições, derramavam em torno de si os esplendores da sciencia; hoje são esses escravos do deserto os mestres de theologia dos doutores musulmanos; já se não edificam mesquitas como a de Kordova, com as suas mil columnas de marmore e as suas cinco mil lampadas de prata, mas arrasam-se talvez. Embora! Aqui na risonha Santarem nunca se ha de transigir com os barbaros de Al-Maghreb, nem com os barbaros da Galliza. Aqui ha de sobreviver o que resta da civilisação kordoveza, e dentro d'estas muralhas se ha de conservar resplandecente o sanctuario das nossas tradições, sanctuario de que tu és, Zuleyma, a lampada doirada. Morrerei sepultado debaixo das ruinas da alcaçova, mas ao expirar poderei dizer aos traidores: «Morreu o ultimo arabe.»

E a estatura do velho erguia-se desempenada e altiva, e a sua nobre cabeça, illuminada pelos raios do sol poente, tinha uma bella expressão de magestosa poesia.

— Não morrereis, meu pae, exclamou a gentil Zuleyma lançando-lhe os braços á roda do pescoço, porque ha de querer o propheta que fiqueis servindo de nobre exemplo aos degenerados filhos de Musa e de Tarik. Deus é grande, e ouvirá as minhas preces.

Abu-Zakaria não lhe prestava já attenção. Inflammava-o um estranho enthusiasmo. Voltando-se na direcção do norte e estendendo o braço para o lado da serra de Albardos, exclamou:

— Ibn-Errik, tyranno suscitado pelo propheta para castigar os crimes e as discordias do seu povo corrompido, vem; por que tardas? Pendem á minha cintura, de envolta com as chaves de Santarem, as chaves de Alisbona, da rainha do Tejo, cuja posse ha tanto cobiças; vem ou extinguir no meu sangue a ultima esperança de resurgimento do Andaluz, ou deixa que eu apague no teu sangue maldito a minha sêde de vingança.»

Um grito que resoou no espaço, cheio de terror e angustia, foi a unica resposta que obteve a apostrophe do wali. Voltou-se com susto, e viu ao seu lado Zuleyma, pallida como flor batida pelo vendaval. Abu-Zakaria apertou-a ao peito, exclamando:

— Oh! nada temas! São altas as muralhas da alcaçova de Santarem; para aqui chegar é preciso ser aguia, e Ibn-Errik é só abutre.

Mas no momento em que o wali pronunciára a vehemente apostrophe sumira-se de todo o sol no occaso. As sombras melancolicas do crepusculo iam-se espraiando nos campos; o rio lá em baixo murmurava queixoso e plangente; accendiam-se uma a uma no céo as lampadas da noite; e a brisa suspirava com tristeza nos ramos nus da palmeira.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

UM HOMEM UTIL

Já ia mui adiantada a segunda metade do seculo XVII, e ainda os habitantes de Locle (Suissa) viam as horas marcadas nos quadrantes solares. Um dia viera um estranho fixar a sua residencia n'aquella cidade e trouxera de Londres um relogio de algibeira, que fôra a admiração d'aquelles que depois se haviam de entregar exclusivamente a esta industria. O relogio desmanchou-se, e o dono entregou-o a um habitante da Sagne, cujo merito provavelmente conhecia. Daniel Richard conservou o relogio por espaço de seis mezes, mas não o conservou inutilmente para o dono nem para si. Em tão curto lapso estudára o seu mecanismo complicado e inventára a collecção de ferramentas necessarias para concertar o famoso relogio inglez. Passados outros seis mezes, Richard achava-se habilitado para fabricar os relogios mais complicados. Dirigiu-se, pois, a Genebra, onde estudou. Dizem que estudar é trabalhar para os outros; e os *outros*, com effeito, aproveitaram-se. Richard tinha cinco filhos, que herdaram com o honrado nome do pae a sua pericia e os seus conhecimentos. Assim aquelle cantão suisso se povoou de habilissimos relojoeiros. Daniel Richard falleceu em 1741.

OS HOMENS E OS VESTIDOS

Acerca de qual seja a estatura melhor que hão de ter os homens, diz com muita graça o padre D. Raphael Bluteau: — «Se das arvores brotassem bisalhos de diamantes, não ha dúvida que fôra bom ser muito grande para os colher; e se debaixo dos pés nos saíssem fios de perolas, bom fôra ser pequeno, e abaixando-se lançar logo mão d'ellas; mas como nem uma coisa nem outra se acha n'este mundo, acho que o ser muito grande é coisa escusada, e por outra parte não é coisa grande ser muito pequeno: meia estatura é a melhor.»

Fallando a respeito dos vestidos, diz o mesmo padre Bluteau: — «Não ha no mundo apparencias mais enganosas que as dos vestidos. Vestiduras ecclesiasticas causam veneração, vestiduras militares imprimem terror, pomposas admiram, modestas edificam: debaixo de todas ellas o homem é quasi sempre o contrario do que parece. Muitas mazellas encobre a cambraia, muita tabala rasa cobre a purpura, muitas vezes são mascara de iniquidade trajos de penitencia.»